**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – Exaltação da Santa Cruz / 14-setembro)*

****

**EXALTAR… UMA CRUZ?**

É verdade que *«A cruz permanece firme, enquanto o mundo continua a girar!»* (*«Stat Crux…»*). Lembram-se?... Assim, também não é de admirar que o nosso mundo, através da “história do cristianismo”, foi ficando “inundado” de «**cruzes**», de todos os tamanhos e cores, de todas as formas e feitios… como não aconteceu – nem acontecerá! – com nenhum outro «símbolo»… Mas como é difícil, meus amigos, aceitar e assumir esta realidade, no dia a dia das nossas vidas!

Apesar de tudo, a Cruz – também sabemos isso! – nunca é o fim; é apenas *um meio*, um instrumento, um caminho. Porque o “fim da Cruz” não pode ser outro que não seja a *Ressurreição e a Vida*, aliás, a *Felicidade e a Glória* eternas. É necessário, no entanto, “percorrermos essa *carreira* da cruz” para chegarmos a “atingir essa *meta* de *EXALTAÇÃO* e de *Vida Feliz*”.

Calha-nos hoje – na nossa reflexão semanal – relembrarmos apenas esse “caminho de cruz” na existência terrena de Jesus de Nazaré, e na nossa… mas, principalmente e sobretudo, alegrar-nos nessa definitiva e absoluta “Exaltação na Glória Eterna”. Porque nós, “discípulos”, deveremos seguir, em tudo, *a mesma sorte* que o nosso “Mestre”, Cristo Jesus, Crucificado e Ressuscitado (uma vez que *“nenhum discípulo pode estar por cima do mestre”- Mt, 10, 24*).

Ninguém como o impetuoso “discípulo” Paulo de Tarso, compreendeu e assumiu o *mistério da cruz* na sua vida. Por isso, pode escrever com toda a autoridade: *“Cristo Jesus… aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz”…(Fl 2).* Sim, uma *morte de cruz* que, já desde muito antigo, tinha sido “pré-vista” e “pré-figurada”: *“Disse Deus a Moisés: «Faz uma serpente de bronze e coloca-a sobre um poste. Todo aquele que for mordido e olhar para ela ficará curado»”…(Nm 21 / 1ª L.).* “Poste ou cruz”, que o próprio Jesus *desvelou* e assumiu como realizada em Si mesmo: *“Assim como Moisés elevou a serpente no deserto, também o Filho do homem será elevado, para que todo aquele que acredita tenha n’Ele a vida eterna”…(Jo 3).*

Precisamente nestas últimas *palavras* de Jesus vemos, com toda a evidência, que essa cruz não teria sentido em si mesma, a não ser enquanto conduz a *um fim*, que é a Vida, e uma vida já *sem fim* (*…”para que todo aquele que acredita tenha n’Ele a vida eterna”*). E sobretudo, quando o próprio Filho Jesus acrescenta e conclui: *“Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele»”. (Jo 3 / 3ª L.).* Como que para esclarecer, de uma vez por todas e para sempre, que «o porquê e o para quê» deste “mistério” não pode ficar reduzido “à cruz”, mas sim para a Salvação do mundo, ou seja, a Ressurreição, a Vida e a Felicidade. Bem entendido que se se fala em “ressurreição” é porque antes houve “morte”: tem toda a lógica, quer para Jesus quer para todo o ser humano!

E será, sobretudo, o já citado Paulo, no seu “hino” da carta aos *Filipenses*, quem vai acabar o seu argumento, de *lógica progressão*, com aquela (in)esperada *apoteose*: A esse Cristo Jesus, que tendo-Se aniquilado a Si próprio… tomando a condição de servo… aparecendo como homem… humilhando-Se ainda mais… obedecendo até à morte de cruz*…* a esse Cristo Jesus *“Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai”. (Fl 3 / 2ª L.).*

Então, a nossa surpresa e *pergunta inicial* têm aqui a sua resposta e explicação. É claro que um simples “poste” ou um tosco “madeiro” – mesmo com forma de *cruz* – nunca poderia ser objeto de exaltação ou de culto; isso seria um “contrassenso”, além de grosseira *idolatria*. A Exaltação, o Culto, a Glorificação… e, em definitivo, o AMOR… vai para o(s) Protagonista(s) – JESUS e os seus Discípulos, de antes, de agora e de sempre – que “passaram”, sim, pela *cruz* porque era impossível ficar *nela*!

Uns aos outros nos lembramos e avisamos:

«Não esqueçais as obras do Senhor!».

Sabemos que a Tua Obra mais maravilhosa

não foi a Criação, embora seja esplêndida,

mas foi a revelação de um *mistério inaudito*:

a entrega do Filho Primogénito,

– até à morte e morte de cruz –

para salvar os outros filhos, ó Pai,

só desde o Amor e por Amor!

Porque, desde antigo, todos merecíamos

uma morte definitiva e sem retorno…

E ainda que mentíssemos com a língua

e o nosso coração não fosse sincero…

quando nos lembrávamos de Ti

e recordávamos que és o nosso Redentor,

sempre fiel à Tua Aliança, ó Pai nosso,

Tu olhavas para nós cheio de bondade e de perdão…

E agora, não sabemos como Te agradecer

esta Obra Tua, a mais maravilhosa,

este Mistério de Salvação “inventado” por Ti,

que a todos nos envolve e nos atinge:

este Filho entregue a Ti, Pai, *por Amor*,

para libertar os seus irmãos *por Amor*.

Nunca esqueceremos a Tua Obra, Senhor!

[ do Salmo Responsorial / 77 (78) ]